

1 — EM PRINCÍPIO

Tenho uma amiga que se especializou a vida inteira no estudo da tradição oral portuguesa, e atrás de quadras, lenga-lengas, lendas e benzeduras e encantamentos foi cumprindo todos os degraus da formação académica até que chegou a altura em que devia prestar provas de agregação. Ela andava há anos a dar voltas e mais voltas sobre uma versão popular portuguesa particularmente estimulante da história da Carochinha, e era sobre esse assunto que queria organizar o ritual iniciático destinado a permitir-lhe vir no futuro a ser Professora Catedrática. E então ria-se muito, e dizia-me assim: «Já imaginaste bem a cara das pessoas? Quando me perguntam sobre o que é que vai ser a agregação e eu respondo que é sobre a história da Carochinha?»

Eu passei por uma experiência semelhante com este livro sobre o pássaro Dodó.

«Estás a fazer o quê?»

«Outro tratado de História da Ciência.»

«Ah. É sobre quê?»

«Sobre o Dodó.»

«Sobre quê?»

«Sobre o pássaro Dodó.»

«Aquele que morreu?»

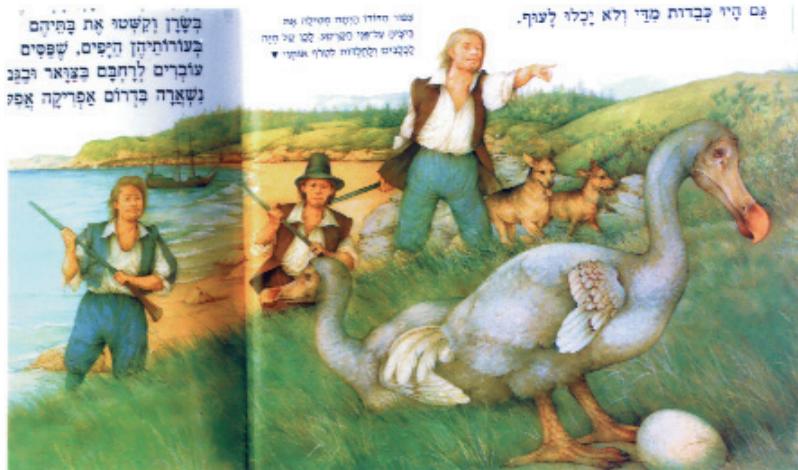
«Pois, esse mesmo.»

«A sério?»

«A sério.»

«Ah.»

Vocês imaginam? A cara das pessoas?



Para ensinar os meninos: Um livro de histórias moderno, com um título que quer dizer qualquer coisa como «*Sempre gostava de saber se o Dodó está mesmo morto e outras perguntas sobre animais ameaçados e extintos*», conta aos meninos de Israel a história do Dodó e do seu destino, explicando os estragos causados pela destruição das florestas e pela introdução de animais domésticos que se seguiram à chegada dos europeus à Maurícia.

Mas por alma de quem é que uma mulher minimamente formada, em pleno século XXI, decide investir uns bons anos da sua energia intelectual num pássaro morto, ainda por cima para escrever um livro que nem sequer é para criancinhas?

Boa pergunta.

Eu já andava a pensar no Dodó há muitos anos, porque foi uma história de que gostei em criança e a que regressei muitas vezes enquanto estava a crescer. Tive-o cá sempre guardado. E por isso, ao longo dos anos, comecei a ficar impressionada com a polivalência e a conspicuidade das analogias baseadas no Dodó que permeiam as nossas bibliotecas, sobretudo quando, mais do que contar histórias, estamos a tentar transmitir e defender ideias. Acabei por achar que o assunto merecia uma meditação mais aprofundada. E depois concluí que, de facto, o caso era interessante. O Dodó que existe agora nas nossas vidas é uma invenção do século XX. Como veremos no capítulo III, tivemos que cobrir uma grande distância para chegarmos aqui. Mas, aqui chegados, o que fizemos com o que recuperámos do esquecimento e projectámos nas lógicas da vida presente foi transformar um pássaro morto numa vedeta mediática e numa metáfora universal. Em grande medida, esta metáfora deriva mesmo de uma história verdadeira: os pormenores saborosos do seu destino fizeram do Dodó uma das primeiras criaturas a despertar a consciência humana para os perigos da nossa predação descontrolada sobre ambientes intocados, ao ponto de hoje usarmos o pássaro como um cliché para tudo o que desapareceu. Os ingleses dizem «dead as the Dodo» quando querem dizer que já não há esperança de recuperação, e nos desenhos animados até o Porky Pig já foi à Maurícia procurar o último Dodó. Já escrevemos muitos livros em que o Dodó nos serve de analogia que dispense explicações, e esta é uma analogia multiusos: para a extinção, para a estupidez, para a impossibilidade, para o fim da esperança, para a morte. Sentem-se diante de uma base de dados, e façam a experiência: qualquer trabalho, literário ou técnico, que tenha «Dodó» no título, há-de referir-se a pelo menos um destes sentimentos.

Peguem, por exemplo, numa produção tão alheia a esta história como «*Australian Problems and Prospects in the 80s*». É um pequeno tratado, desses que nós desconhecemos em absoluto e

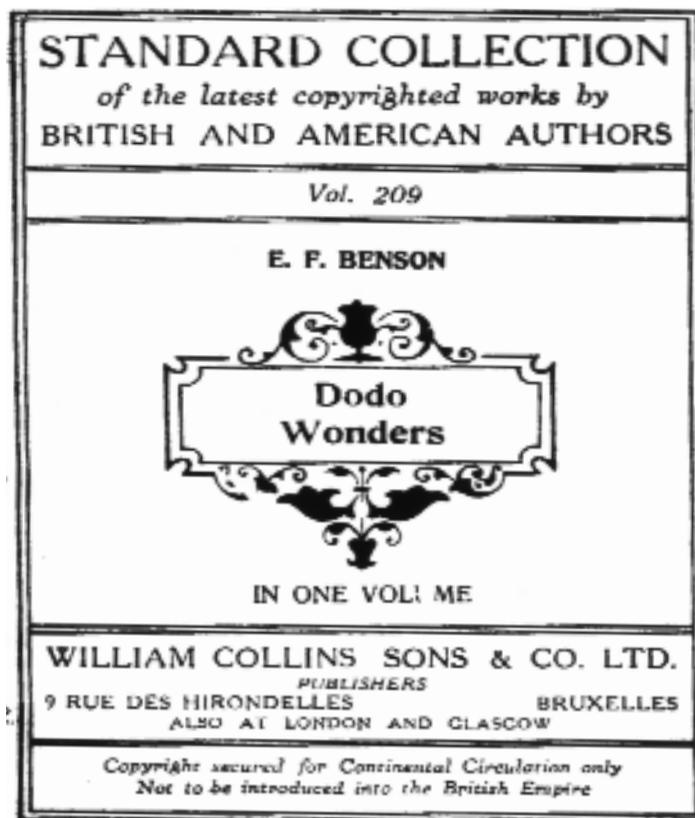
que as bibliotecas encerram às centenas para consulta, se tanto, de meia dúzia de estudantes às voltas com teses que muito pouca gente há-de ler, que analisa «**o eclipse da identidade nacional**». Os capítulos têm títulos como «*A Austrália Transformada*», «*Mudança & Resistência*», ou «*A Protecção Como Artigo de Fé*». O livro chama-se «*Retreat of the Dodo*». O seu terceiro capítulo, que lida com «**a tirania do pragmatismo**» e «**jogos adversários e confrontação ritual**», chama-se «*Ways of the Dodo*». Tem em epígrafe um poema de H. Belloc, que diz

«**The dodo used to walk around
And take the sun and air
The sun yet warms his native ground
The Dodo is not there**»

É um ensaio sobre a mudança, como o autor indica claramente logo na primeira frase da introdução. A mudança, aqui, é analisada a partir da questão fundamental: «**por que é que coisas que podiam e deviam ter acontecido não acontecem?**» Nenhum leitor precisa que lhe expliquem por que é que o Dodó foi para aqui chamado, e esta percepção instantânea da metáfora é tão óbvia que o autor também não sente qualquer necessidade de oferecer semelhante explicação. A gente sabe de que é que ele está a falar.

Uma das associações imediatas que fazemos hoje com a palavra Dodó é a associação à estupidez (o pássaro tinha cara de parvo; deixou-se matar como um idiota); e esta associação permeia toda a escala, cheia de nuances das mais vastas e mais complexas, que vai do bom selvagem ao pior aluno da turma. Quem tirou um grande proveito desta associação foi um senhor inglês da primeira metade do século XX que se chamava Edward Frederic Benson, de quem nunca ninguém ouviu falar — e com toda a justiça, porque não parece ter-se destacado na vida em nada que não fosse epitomar aquele folclore característico da gentry do seu país que nos outros países se presta a tantos dichotes e caricaturas. Era filho do arcebispo de Cantuária. A certa altura deu aulas em Atenas, e depois no Egipto. Foi biógrafo da rainha Vitória e de Guilherme II da Alemanha. Figura no «Who's who» como graduado do King's College e frequentador regular de espaços de golfe, ténis e patinagem. Foi toda a vida adulta membro do Bath Club. E, esta é a parte que nos interessa, este senhor que em si

mesmo parece um Dodó escreveu uma série de romances Dodó. A grande empresa começou com «*Dodo*». O sucesso de «*Dodo*» inspirou o autor a continuar a linhagem com «*Dodo's Daughter*», «*Dodo the Second*», «*Dodo Wonders*», e mesmo «*Dodo: a Detail of the Day*». Benson publicou cerca de cem livros durante a sua vida, mas foi a série «*Dodo*» que o transportou para a posteridade. Os ingleses gostavam daquilo. Nestes livros, Dodo é o nome de uma mulher. Mas a gente não precisa de ler muito para perceber que essa mulher é um Dodó. Reparem, por exemplo, na primeira frase de «*Dodo Wonders*»:



Price 4.50 Prix

O parvo da história: O frontispício de «*Dodo Wonders*», um dos muitos títulos da série que E. F. Benson compôs em torno das aventuras de uma austríaca burra emigrada em Londres.